

# OS PROCESSOS ESPACIAIS PRESENTES NO ESPAÇO URBANO DE JEQUIÉ – BAHIA

Tânia Regina Braga Torreão Sá<sup>1</sup>  
Marcelo Torreão Sá<sup>2</sup>

## Resumo

Os processos espaciais na cidade de Jequié produzem formas, movimentos e conteúdos que originam a sua organização espacial. Tais processos se caracterizam por usos da terra extremamente diferenciados. Além disto, às interações entre fluxos de capitais, o fenômeno das migrações diárias entre o local de trabalho, estudo e residência e o deslocamento de consumidores e trabalhadores permitem integrar, ainda que de forma incipiente, as diversas partes do espaço urbano. Entre os processos espaciais, de um lado, e a organização espacial, do outro, aparece um elemento mediatizador, que dá origem a ambos. Os processos espaciais, nesse caso, são os responsáveis diretos pela organização espacial que caracteriza o espaço urbano de Jequié. Os principais processos espaciais que ocorrem em Jequié são: a centralização; a descentralização; a coesão; a segregação; a invasão-sucessão; e a inércia espacial. Nesse artigo procuraremos discutir as características de cada um deles.

**Palavras chaves:** processos espaciais, espaço urbano, organização espacial, município de Jequié.

## Resumé

### Les processus spatiaux présents dans le espace urbain de Jequié – Bahia

Les processus spatiaux dans la ville de Jequié produisent des formes, des mouvements et un contenu qui sont à l'origine de son organisation spatiale. Ces processus se caractérisent par des utilisations du sol extrêmement différenciés. De plus, les interactions entre flux de capitaux, le phénomène des migrations quotidiennes entre le local de travail, d'études et de résidence et le déplacement des consommateurs et des travailleurs permettent d'intégrer, bien que de façon rudimentaire, les différentes parties de l'espace urbain. Entre les processus spatiaux, d'un côté et l'organisation spatiale de l'autre, apparait un élément de médiation, à l'origine des deux. Les processus spatiaux, dans ce cas, sont les responsables directs de l'organisation spatiale qui caractérise l'espace urbain de Jequié. Les principaux processus spatiaux, en action dans la ville de Jequié sont: la centralisation, la décentralisation, la cohésion, la ségrégation, l'invasion-succession et l'inertie spatiale. Dans cet article, nous chercherons à développer les caractérisitiques de chacun d'eux.

**Mots-clés:** processus spatiaux, espace urbain, organisation urbaine, commune de Jequié

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Endereço: Urbis I Caminho Q Casa 53 Jequeizinho Jequié– Bahia CEP: 45.206-510 E-Mail: [aniavitoria@bol.com.br](mailto:aniavitoria@bol.com.br)

<sup>2</sup> Professor de Geografia da Rede Particular de Ensino Fundamental. Graduando do Curso de Pedagogia do DCHL/UESB. Endereço: Urbis I Caminho Q Casa 53 Jequeizinho Jequié–Bahia CEP: 45.206-510 E-Mail: [martoreao@ig.com.br](mailto:martoreao@ig.com.br)

## Introdução

O Município de Jequié está localizado na Região Econômica Sudoeste, dentro dos limites dos ecossistemas de caatinga e da zona da mata nordestina (**Figura 01**). Em 1997, comemorou o primeiro centenário e possui uma população de 147.115 mil habitantes, segundo dados do último Censo Demográfico. A cidade, porém, começou a se desenvolver a partir de uma movimentada feira, atração para mercadores de todos os quadrantes da região, ainda no final do século XIX.

Figura 01. Foto de satélite da área urbana de Jequié.

Carta Nº SD - 24 - V - D - IV - 4 - NE



Fonte : [www.cdbrasil.cnpem.embrapa.br](http://www.cdbrasil.cnpem.embrapa.br) (2003)

Durante vinte anos (entre 1860 e 1880), Jequié pertenceu ao Município de Maracás e abastecia as regiões Sudeste e Sudoeste da Bahia. Data dessa época sua crescente importância como centro de comércio. Também nessa época, Jequié, então um pequeno povoado denominado “Boca do Sertão”, crescia às margens do Rio das Contas que, na ocasião, era um curso d’água mais volumoso, porém, muito estreito, margeado por uma mata extensa e exuberante. O Rio das Contas era uma importante via de transportes. Por ele desciam barcos de pequeno calado carregando toda sorte de produtos necessários à subsistência dos habitantes de suas margens: cereais, hortifrutigranjeiros e manufaturados. Tropeiros chegavam de cidades maiores, carregando suas mercadorias em lombo de burros. Os destinatários eram os mascates, que, de porta-em-porta, mercadejavam tecidos, roupas, rendas e outros artigos de consumo.

Jequié se constituiu em um importante entreposto comercial na região. O principal centro de comercialização dos produtos trazidos pelos canoieiros, mascates e tropeiros era o espaço que depois veio a se tornar a Praça Luís Viana. Foi naquele local que surgiu a primeira feira livre da cidade. Esta, a partir de 1885, ganhou mais organização com a decisão dos comerciantes José Niella e José Rotondano, líderes da comunidade italiana de adquirirem todo o excedente de mercadorias dos canoieiros e outros transportadores e produtores. Mas, em

1914, uma tragédia mudou tudo: houve uma grande enchente que destruiu quase toda Jequié. Por causa deste desastre, a feira, o comércio e as demais atividades da cidade passaram a se desenvolver em direção aos terrenos mais elevados.

Nessa época surgiu outro problema grave, o desmatamento, que acabou por assorear o Rio das Contas, que logo ficou impossibilitado de servir à navegação. Mesmo assim, a cidade continuou crescendo. Em 1927, chegaram os trilhos da ferrovia e Jequié atingia o status de quarta cidade da Bahia em importância. Nessa época, o grande benfeitor era o comerciante Vicente Grillo. Assim, por causa de sua localização, Jequié tornou-se ponto de convergência natural de estradas, o que motivou um grande movimento comercial. O comércio, aliás, firmou-se como a principal vocação econômica da cidade.

Hoje, centenária, Jequié desfruta da posição de importante pólo econômico regional. Os moradores de Jequié são hospitaleiros, de fácil convivência, e primam pela acolhida calorosa dirigida aos visitantes e àqueles que escolhem a cidade para viver e trabalhar.

## Os processos espaciais presentes no espaço urbano do município de Jequié

Há um consenso entre os especialistas em Geografia Urbana, Urbanistas e Planejadores Urbanos quanto a considerar as cidades como expressão concreta dos processos espaciais, vez que, as *polis* refletem as características contraditórias da sociedade capitalista. As cidades recentes, tanto quanto as cidades antigas, enquanto ambiente físico e como resultado do trabalho do homem já apresentam, por suas dinâmicas, problemas de ordem tipicamente metropolitanos.

As cidades recentes como Jequié, assim como as empresas, são produtos da economia de mercado afetadas diretamente pela industrialização e pela complexa sociedade estratificada, que determina lugares e posições espaciais. Por isto mesmo, esse município constituiu-se em um importante *locus* de acumulação do capital baiano, ao mesmo tempo em que, também, se configura como um espaço onde a reprodução da força de trabalho pode ser plenamente realizada, até porque, mesmo divergindo quanto a propósitos políticos, os poderes públicos, tanto quanto a classe empresarial e a sociedade têm-se mostrado disponíveis para planejar, cada uma em separado, as estratégias para o seu crescimento, visualizando o desenvolvimento citadino em longo prazo.

Os processos espaciais na cidade de Jequié produzem formas, movimentos e conteúdos que originam a sua organização espacial. Tais processos se caracterizam por usos da terra extremamente diferenciados, tais como, os que ocorrem nas áreas centrais, áreas pré-industriais e áreas residenciais diversas. Além disto, às interações entre fluxos de capitais, o fenômeno das migrações diárias entre o local de trabalho, estudo e residência – Jequié recebe um significativo número de pessoas, que a visitam diariamente em razão de existir nesse espaço um campus universitário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e duas Faculdades particulares – e o deslocamento de consumidores e trabalhadores permitem integrar, ainda que de forma incipiente, as diversas partes do espaço urbano.

Entre os processos espaciais, de um lado e a organização espacial do outro, aparece um elemento mediatizador, que dá origem a ambos. Esse elemento constituiu-se de um conjunto de forças que atuam ao longo do tempo e que permitem localizações, relocações e permanências das atividades e populações. Os processos espaciais, nesse caso, são os responsáveis diretos pela organização espacial complexa que caracteriza o espaço urbano de Jequié. Tais processos são postos em ação pelos agentes sociais estruturadores que modelam tal organização, quais sejam: o Estado, as empresas, as instituições e os grupos sociais. Como cada um destes grupos organiza suas estratégias de ação, entre eles constantemente surgem conflitos de interesses que fazem parte do jogo político e classes.

Os principais processos espaciais que ocorrem em Jequié são:

- a) A centralização espacial;
- b) A descentralização espacial;
- c) A coesão espacial;
- d) A segregação espacial;
- e) A invasão-sucessão espaciais; e
- f) A inércia espacial.

Esses processos espaciais constituem excelentes descrições do que ocorre em cidades recentes como Jequié, ainda que se possa criticar muitas das interpretações dadas e questionar sobre a consolidação dos mesmos no espaço urbano. Por isto, nesse artigo, pretendemos apresentá-los de forma genérica e também propor algumas questões a seu respeito, baseados nos estudos de Roberto Lobato Corrêa, em sua obra *“Trajetórias Geográficas”* (1997, p 121-143).

### a) A centralização espacial

Uma característica que marca a organização espacial da cidade de Jequié é a existência de uma área emergente onde se localizam as principais atividades comerciais e de serviços, bem como, os terminais de transportes interurbanos e algumas poucas linhas de transportes intraurbanos. Esta área, conhecida como área central, ou simplesmente “centro”, resulta dos processos de centralização dos serviços e do comércio, e é indubitavelmente um produto de mercado levado ao extremo pelo capitalismo.

No caso de Jequié, a emergência do seu centro apresenta-se intimamente relacionada com as relações geradas a partir de sua periferia interna e dos municípios que a avizinham. Essa emergência é também resultante de inovações que tem origem a partir da feira livre (**Foto 01**) que existe na área central, principal elemento concentrador de fluxos para o município. A localização da feira livre na área central de Jequié, é bom que se diga, não se faz a reboque da eficiência e equidade econômicas, e por isto mesmo, ela está próxima dos bancos, do comércio atacadista e varejista, das indústrias nascentes e em expansão e dos serviços auxiliares, que asseguram a minimização de deseconomias de transbordo.



Foto 01. Feira livre de Jequié no dia de seu maior movimento (sábado). Fonte: [www.cdl.jequie.com.br](http://www.cdl.jequie.com.br) (2003)

Admitindo a possibilidade de haver controvérsias quanto a considerar a feira livre como o principal elemento mobilizador da acessibilidade do centro urbano de Jequié, aproveitamos para colocar os critérios utilizados para chegar a essa conclusão.

- A periodicidade de funcionamento. A feira livre funciona de segunda a sábado, inclusive em dias de feriados, quando a maioria dos estabelecimentos comerciais e os supermercados fecham as suas portas. Nos dias de domingo, quando a feira

livre principal não funciona, os pequenos proprietários de boxes e vendedores contratados, migram para as feiras dos bairros, deslocando assim a centralidade para os espaços em que estão;

- A diversidade de produtos. A feira livre oferece aos consumidores um imenso leque de opções de compra a preços baratos, que contribuem para o acirramento da concorrência com os estabelecimentos formais e comércio informal. Esses produtos vão desde alimentos (carnes, peixes, mariscos, crustáceos, derivados do leite, verduras, hortaliças e frutas), passando por utensílios de casa (panelas, baldes, artesanatos, etc) até restaurantes de comida típica e acessórios de moda (bolsas, calças, cintos, etc);
- O fluxo de vendedores e pequenos proprietários dos boxes de vendas. Nos dias de funcionamento a feira livre recebe um número considerável de feirantes volantes e fixos, vendedores contratados e pequenos proprietários dos boxes de vendas que se deslocam de bairros pobres, das fazendas, pequenas propriedades e chácaras que se localizam na periferia urbana e zona rural de Jequié, e também, dos municípios da região Sudoeste, de outras regiões do Estado da Bahia, bem como, de outros Estados do Brasil;
- O fluxo de serviços. A feira livre se constitui em trajeto obrigatório para aqueles que pretendem chegar ao principal terminal de transporte coletivo interurbano de Jequié, além de, também, se localizar próximo aos bancos e do comércio atacadista e varejista formais.
- A insubordinação da feira às crises econômicas. A feira livre não sofre os efeitos das crises econômicas do mesmo modo que o comércio atacadista e varejista formais porque não se utiliza dos mecanismos de vendas a prazo e porque lá é muito difícil o consumidor sair sem comprar, devido à possibilidade de barganha de preços e ao oferecimento de maior quantidade de produtos da mesma natureza.

As atividades ligadas à feira livre são importantes por criarem um pulsante mercado de trabalho na área central de Jequié, de sorte que esse espaço experimenta a máxima acessibilidade dentro do conjunto de outros espaços urbanos que existem em Jequié nos dias de sexta-feira e sábado. A acessibilidade ao centro, via feira livre, provoca ainda a elevação dos valores da terra urbana nos espaços periféricos ao centro, o que leva os atores sociais a competirem para ocupá-lo. Nessa competição saem vitoriosas aquelas atividades que melhor desenvolvem a capacidade de transformar acessibilidade em lucro e por isso mesmo, é bastante expressivo o número de estabelecimentos comerciais novos que surgem no entorno da feira livre – são hotéis, lojas de utensílios, supermercados, lojas de roupas e calçados, açougues, empresas de moto táxi, etc. A concentração dessas atividades na área central de Jequié representa, pois, a maximização de externalidades, seja pela acessibilidade, seja pela aglomeração.

As atividades comerciais e de serviços “tradicionalis” que estão localizadas há mais tempo no espaço urbano de Jequié, também se constituem em estímulos à concentração de atividades na área central, por isto mesmo, as sucessivas crises econômicas que abalaram a cidade nos últimos trinta anos, repercutiram no seu enfraquecimento, de sorte que, atualmente, esse setor de atividades ainda tenta se recuperar dos abalos sofridos, sem contar com o apoio necessário à sua recuperação. As últimas ocorrências foram significativas. Para se ter uma idéia, Jequié possuía até o ano de 2003 sete agências bancárias – uma agência do Banco do Brasil, do Banco do Nordeste, do SICOOB - Jequié, do Bilbao Vyscaia e da Caixa Econômica Federal e duas agências do Banco Bradesco. Desse total somente o Banco do Brasil, Banco do Nordeste, SICOOB e Caixa Econômica Federal ainda funcionam. O Bradesco comprou o BBV e uma de suas agências na cidade cerrou as portas, alegando que não haveria lucratividade – um número de correntistas suficiente – para mantê-las abertas.

Especula-se ainda sobre o fechamento da agência da Caixa Econômica Federal no município, por razões de ordem administrativa interna.

Apesar do cenário confuso, há uma expectativa razoável quanto à recuperação do setor comercial e de serviços em Jequié, motivada por pressões das classes empresariais, políticas e campanhas de *marketing* coordenadas pela Prefeitura Municipal em consórcio com o Governo Estadual. No entanto, há muito que discutir. Sem querer entrar em polêmica e visando dar um exemplo de como urge repensar em estratégias mais eficazes de promoção do desenvolvimento da cidade, uma peça publicitária divulgada pela Prefeitura exorta os munícipes a comprarem sob o *slogan* “Liquida Jequié”. Não é necessário ser muito inteligente para perceber que a palavra liquida tem sentido duplo, referindo-se também a morte violenta.

Talvez o que os gestores públicos ainda não tenham descoberto é que, apesar de Jequié possuir uma classe média que ainda é incipiente, esta encontra-se em franco processo de crescimento. A vinda para o município de três instituições de nível universitário, somadas a promoção adequada ao público consumidor talvez represente uma nova motivação para o desenvolvimento da cidade.

## **b) A descentralização espacial**

A descentralização urbana ainda é bastante incipiente em Jequié e se constitui em um processo muito mais recente do que a centralização. Também ocorre de dois modos; ora ela aparece como um movimento espontâneo, ora aparece como um movimento organizado. A espontaneidade do movimento de descentralização é gerada, em primeiro lugar, pelas empresas que buscam espaços onde haja maiores condições de instalação e conseqüente lucratividade e pela população que busca novos espaços para fixar residência. Já os movimentos de descentralização planejada, são dirigidos pelo Estado e visam promover, através do mecanismo de organização espacial, a criação de alternativas mais equânimes para a promoção do desenvolvimento urbano. Tais movimentos são geradores das seguintes modificações:

- O aumento constante dos valores da terra, impostos e aluguéis, afetando certas atividades que perdem capacidade para manterem-se na área central;
- Os altos custos do sistema de transportes e comunicações, que dificulta e onera as interações entre as firmas;
- As dificuldades de obtenção do espaço para expansão;
- A ausência ou perda de amenidades, afetando atividades e população do mais alto ao mais baixo *status quo*.

Em Jequié, a descentralização espacial está fundamentalmente associada ao crescimento da cidade em seus aspectos demográficos. Esse fenômeno provocou o aumento das distâncias e do custo das moradias na área central, de modo que, sem condições de pagar o preço ou porque não pretendiam abrir mão das comodidades, um número significativo de pessoas e de empresas acabou migrando para a periferia.

Com a migração das firmas verificou-se o aparecimento de novas empresas que, em nome de melhores condições de competitividade, eficiência, equidade da prestação de serviços, procuraram uma localização junto a novos e mais específicos mercados consumidores. A condição primordial para a ocorrência da descentralização das firmas em Jequié é a atração que as áreas não centrais exercem em oposição ao que é oferecido nas áreas centrais. Quais sejam:

- Terras não ocupadas, a baixo preço e impostos mais baratos;

- Infra-estrutura semi-implantada;
- Facilidades de transportes próximo das rodovias, viabilizando um maior escoamento da produção;
- Qualidades atrativas do sítio, como topografia e drenagem;
- Amenidades físicas e sociais;
- Mercado mínimo capaz de suportar a localização de uma atividade descentralizada

Muito embora não se possa afirmar que nos bairros do Mandacaru e Cidade Nova haja predominância da função comercial ou industrial sobre a residencial, estes espaços são os que reúnem as melhores condições em termos de tendência à descentralização urbana, por apresentar as características mencionadas acima. Os bairros do Mandacaru e Cidade Nova reúnem, ainda, condições mais apropriadas para a descentralização urbana devido ao dirigismo estatal que, através dos mecanismos de planejamento, ordenamento e gestão da organização espacial, tem conduzido as firmas e sedes de órgãos governamentais para aquele espaço, gerando pressões especulativas muito fortes.

A descentralização urbana que ocorre no Mandacaru e Cidade Nova implica uma relativa diminuição da acessibilidade a área central e em um aumento da acessibilidade a outros locais que está associada ao desenvolvimento dos meios de transporte intraurbanos e, sobretudo, interurbanos. Também, se liga ao oferecimento da estrutura de equipamentos como pontes e viadutos, que viabilizam a chegada e saída mais rápida aos locais de trabalho. A perspectiva para este espaço periférico ao centro é o de se tornar cada vez mais independente das áreas centrais, enquanto outros, passam a concentrar indústrias novas originando, respectivamente, novos subcentros comerciais e áreas industriais não centrais. Nesse sentido, a descentralização caracteriza-se pela seletividade em termos de:

- Atividades, no sentido em que estas apresentam maior tendência à descentralização que outras;
- Tempo, no sentido de que, em relação a uma mesma atividade, há uma seqüência de descentralização. Assim, no caso da indústria, as primeiras a abandonar o centro foram aquelas consumidoras de espaços e poluidoras. No caso do comércio varejista e de serviços descentralizaram-se primeiro aquelas firmas que atendem a demandas externas mais freqüentes;
- Divisão territorial de funções, no sentido de que, atividades que comportam variadas funções complementares tendem a descentralizar aquelas funções consumidoras de espaço e/ou pequena capacidade de pagar a terra, enquanto outras funções permanecem na área central;
- Tamanho da cidade, no sentido de que, a partir de uma dimensão dada, pode haver variações significativas dos sistemas de transportes intraurbanos, nas funções urbanas e no nível de renda da população, isto implicando em poder aquisitivo e maior mobilidade espacial.

No caso da descentralização dos locais de residências, essa atração pela periferia, apesar de incipiente, tem demonstrado ser bastante lucrativa para os incorporadores, vez que, Jequié possuiu muitos espaços destinados à especulação. As motivações que impulsionam o movimento de descentralização das pessoas com alto poder aquisitivo, nesse sentido, se opõem aos interesses das empresas. Tais interesses são norteados:

- Pela procura por espaços caros, que não foram totalmente ocupados;
- Pela procura por uma infra-estrutura completamente implantada;
- Pela busca por tranquilidade e segurança, que a área central não dispõe.

Do ponto de vista do capital, a descentralização urbana de Jequié insere-se no processo de acumulação. No caso das empresas, a competição entre elas leva à procura de uma localização mais acessível ao mercado consumidor espacialmente disperso. A descentralização cria, também, novas modalidades de competição espacial e garante a reprodução do capital. Mais ainda, contraditoriamente através da descentralização verifica-se a expansão dos negócios localizados na área central sobre áreas urbanas não centrais, que pode levar ao desaparecimento das firmas locais e ao estabelecimento de uma rede integrada de lojas dirigidas. Desse modo, a cidade reproduz internamente a expansão e o domínio capitalista que se verifica em escala planetária.

A descentralização urbana de Jequié aparece, portanto, como um processo espacial associado a dois fatores: as deseconomias de aglomeração e ao crescimento desordenado, que provoca uma implosão das supra e infraestruturas do centro.

### c) A coesão espacial

Esse processo dá conta de nos fazer entender porque no setor varejista dos centros de cidades há uma tendência das lojas do mesmo tipo de aglomerarem-se, apesar de não manterem negócios entre si. A aglomeração fornece garantias quanto à direção dos consumidores que se reúnem em torno de estabelecimentos, gerando conjuntos coesos.

Em Jequié esses conjuntos coesos possuem as seguintes características:

- Apesar de não manterem ligações entre si – por não pertencerem à mesma rede de estabelecimentos comerciais – lojas varejistas, que comercializam a mesma linha de produtos, formam um conjunto que cria atração para o consumidor, na medida em que esse terá maiores alternativas de escolha. Assim ocorre com as lojas de confecções, sapato, armarinhos, móveis, etc, que se aglomeram no centro urbano;
- A presença de lojas com linhas de produtos diferentes, forma um conjunto espacialmente coeso na medida em que, induz a compras não previstas. O melhor exemplo desta diversidade de atividades econômicas ocorre na Avenida Rio Branco (**Foto 02**), onde lojas de confecções, calçados, óticas, bares, restaurantes e clínicas se aglomeram;
- A complementaridade está presente no comércio de Jequié, na medida em que, muitas atividades econômicas tendem a se localizar juntas por terem atividades que se completam, como lojas de confecções, calçados e miudezas de armarinhos.



Foto 02. Av. Rio Branco. Fonte: Marcelo Torreão (2003)

Apesar do processo de coesão em Jequié estar inconsolidado já se percebe uma tendência de criação de áreas especializadas tanto no interior do centro, quanto em áreas não centrais, onde começam a ser formados embriões de distritos comerciais e industriais especializados. Nesse sentido, pode-se afirmar que o processo de coesão espacial não se faz a

reboque da centralização e descentralização, gerando o aparecimento de áreas cada vez mais complexas. Como modo através do qual a relação custo benefício tende a favorecer a reprodução do capital, o processo de coesão insere-se na linha de acumulação flexível.

#### **d) A segregação espacial**

Enquanto os três processos anteriores sugerem uma aproximação com as atividades comerciais, industriais e de serviços, o processo de segregação espacial refere-se exclusivamente à questão residencial, relacionando-se de forma afinada com a reprodução da força de trabalho.

Se de um lado, a segregação espacial urbana diz respeito a um processo que origina a tendência de organização espacial em áreas que apresentam homogeneidade social interna, por outro, dá conta de nos fazer entender os motivos das áreas segregadas apresentarem uma forte tendência ao aparecimento de desigualdades espaciais. Estas áreas segregadas tendem a apresentar estruturas sociais que são marcadas pela uniformidade da população em termos de renda, *status* ocupacional, instrução, etnia, fases do ciclo de vida, etc.

No caso de Jequié, as desigualdades espaciais entre áreas urbanas segregadas aparentemente uniformes ocorrem em razão da existência de um desnivelamento da capacidade de renda dos moradores que está presente em quase todos os bairros, produto do desordenamento do uso do solo. Em outros termos, as áreas segregadas uniformes também repercutem o tipo de residência adquirida e a localização das mesmas, quer em termos de acessibilidade, quer em termos de oferecimento de serviços infra e supra-estruturais. A segregação espacial, nesse sentido, se assemelha muito ao processo de estruturação de classes, em seus aspectos reprodutivos de ordem capitalista.

Segundo Harvey (1972), a sociedade capitalista da segunda metade do século XX apresenta três forças básicas que levam a essa estruturação de classes, e que podem perfeitamente ser adaptadas para o entendimento do que ocorre em Jequié.

Em primeiro lugar, em Jequié ocorre uma força primária que se origina da relação entre o capital e o trabalho e que conduz as estruturas dicotômicas de classes. Essas estruturas só se tornam evidentes através da formação de uma classe rica e de uma classe pobre. De particular pode-se dizer que o desnivelamento entre as duas é tão expressivo que, só recentemente, ela tem conseguido organizar a sua classe média.

Em segundo lugar, existem forças residuais antagônicas que se originam a partir de formas pretéritas de modos de produção ou através do relacionamento geográfico entre um modo de produção dominante e um modo de produção subordinado. Estas forças podem ser percebidas via existência de uma aristocracia da terra, campesinato, grupos marginalizados que são incorporados à estrutura do capitalismo avançado. Em Jequié, as forças residuais pretéritas e dominantes são representadas por famílias como os Rabello e os Borges que, por sua tradição na política e seu empreendedorismo, mantêm-se sempre à frente das questões que se relacionam com o município, definindo lideranças e orientando quanto aos seus procedimentos éticos. No que diz respeito às forças pretéritas subordinadas, elas são representadas por uma horda de seguidores dessas famílias, isto é, a população em geral.

Por último, há em Jequié forças derivativas que emergem devido às necessidades de preservar o processo de acumulação de capital através de inovação tecnológica e mudanças na organização social. Tais forças são geradoras de fragmentação da classe capitalista e proletária, originam classes distintas de consumo e promovem a emergência de uma classe média que não é de todo heterogênea. Em Jequié, todas estas categorias de fenômenos estão associadas à presença de profissionais que migraram de suas cidades interessados em serem professores das três instituições de nível superior presentes nesse espaço. Esses professores de

nível superior mantém a pujança do comércio em épocas de baixa estação e pressionam o preço das terras urbanas para cima ao procurarem um diferencial de moradia.

São grupos como os descritos por Harvey (1972) que vão se localizar no espaço urbano de Jequié e, para isso, se defrontam com o problema de como e onde morar. Tendo em vista que a habitação constitui-se, no sistema capitalista, em uma mercadoria social que depende de outra mercadoria - a terra -, sujeita aos mecanismos de mercado, considerando ainda que, sua produção é lenta e cara, excluindo parcelas consideráveis da população, é de notar que diferentes soluções e modalidades alternativas de localização tenham sido encontradas para se ter acesso às residências: os cortiços, as favelas, as casas modestas construídas aos poucos nas periferias metropolitanas, são exemplos de soluções espontâneas para resolver o problema da moradia. Já os conjuntos de loteamentos construídos pelos governos e os condomínios de luxo, se constituem numa aparente solução para este problema pelo menos em Jequié.

Em relação a ter onde morar, é preciso lembrar que existe uma diferenciação espacial na localização das residências vistas em termos de conforto e qualidade. Esta diferença reflete um diferencial do valor da terra, que varia em função da acessibilidade e, sobretudo da qualidade da rede de serviços de um espaço. Os terrenos de maior valor são geralmente ocupados pelas melhores residências, e na medida em que, esse valor diminui, a qualidade das residências também cai. Daí se origina a tendência de homogeneização espacial do conteúdo social dos bairros, que assume maior uniformidade nos grupos de renda mais elevada e mais baixa.

Nesse sentido, é prudente colocar que, a segregação socioespacial residencial deve ser interpretada em termos de reprodução das relações sociais que ocorrem na sociedade capitalista, de sorte que, as áreas residenciais fornecem meios distintos para a interação, a partir da qual os indivíduos derivam seus valores, expectativas, hábitos de consumo e estado de consciência. A diferenciação residencial também significa acesso diferenciado a recursos escassos necessários para se adquirir oportunidades de ascensão social. Tais oportunidades podem ser estruturadas de modo que um bairro de classe operária seja “reproduzido”, por exemplo, valores próprios do grupo ligados a códigos morais, lingüísticos, cognitivos, e que fazem parte do equipamento conceitual com o qual o indivíduo enfrenta o mundo. A segregação espacial é, portanto, sinônimo de diferenciação socioespacial de grupos possuidores de diferentes níveis de renda.

### **e) Invasão-sucessão espacial**

A invasão-sucessão espacial, assim como a segregação, está associada à questão residencial, ainda que possa afetar as atividades comerciais, industriais e a prestação de serviços. Tal processo pode ocorrer quando se verifica que no espaço urbano há bairros que são habitados durante um certo período de tempo por uma determinada classe social, e depois de algum tempo são “invadidos” por outra classe, via de regra, com poder aquisitivo inferior a primeira que habitou o lugar. A invasão-sucessão é paradoxal porque, ao mesmo tempo em que desencadeia a saída da população pré-existente, parece estimular a chegada de um novo contingente populacional, e mais importante ainda, estimula o fortalecimento de uma rede de prestação de serviços.

A invasão-sucessão foi estudada pela primeira vez na escola de Ecologia Humana e através destes estudos pode ser traçada uma analogia com a ecologia vegetal, que substitui o conceito de equilíbrio entre espécies e o meio físico, por equilíbrio entre valor dos imóveis e capacidade de grupos sociais em pagar por estes imóveis.

Enquanto descrição o processo de invasão-sucessão é verdadeiro - o próprio histórico da ocupação do bairro de Jequezinho atesta a veracidade dele - em nível explicativo, as

interpretações da escola de Ecologia Humana são questionáveis. Para a Geografia Urbana, por exemplo, explicação que permite entender melhor o fenômeno da invasão-sucessão não está ligada a necessidade de equilíbrio entre as espécies do meio físico, mas, a necessidade de manter o processo de produção de residências, que permite remunerar melhor o capital imobiliário. Nesse sentido, pode-se entender porque novos bairros são criados nas periferias, enquanto que nas áreas abandonadas pela população de alta renda surge uma população ávida por desfrutar as vantagens locacionais ou prestígio da área.

No caso de áreas próximas ao centro de Jequié, onde a deterioração dos imóveis é maior, adiciona-se o fato de que as atividades localizadas na área central não só incitam à saída da população de alta renda, como também a sua expansão espacial a partir do centro, cria para os proprietários de imóveis a possibilidade de valorização de suas propriedades, para venda a preços mais caros. Enquanto isto, não convém investir no imóvel que passa a ser alugado a uma população de renda inferior, ávida de uma localização nas áreas centrais. A paralisação da expansão lateral nesse sentido, além de estimular a especulação imobiliária, pode também levar a uma remota possibilidade de revalorização de um bairro já deteriorado.

### **f) A inércia espacial**

A inércia espacial urbana interfere na organização espacial, na medida em que, certos usos da terra permanecem em certos locais, apesar das causas que justificam a ocupação primária terem cessado de ocorrer. Esse fenômeno deve-se ao fato de que os valores que levam à permanência das localizações e usos da terra não obedecem mais ao princípio da racionalidade econômica. A institucionalização da inércia, portanto, se dá no caso do “tombamento” de áreas ou bairros.

A irregular difusão das informações e sua tradução no nível de indivíduos e grupos que percebem o espaço de modo particular, não apresentando comportamento que reflita uma racionalidade econômica, também é fundamental para a permanência de localizações e usos não-rationais segundo a ótica do capital. Adicionalmente, a inércia de certos usos da terra pode revelar as dificuldades de uma realocação que, em médio prazo, poderá gerar maiores benefícios; tal parece ser o caso de algumas firmas que não suportam os custos diretos e indiretos de uma realocação.

É preciso considerar, no entanto, que há limites do processo de inércia, pois a partir de um determinado momento, deseconomias externas podem se ampliar levando em consideração o fechamento ou realocação. Na realidade, a inércia pode ser entendida como uma decisão mais demorada na realocação e esse fenômeno pode depender da escala de tempo em que a constatação do processo é feita. A inércia contribui assim para a cristalização de certos usos da terra que aparecem como não-rationais.

## **Conclusões**

Perseguindo o intento de desenvolver o espaço geográfico, o Homem age das mais variadas formas estabelecendo práticas ora seletivas, ora fragmentadas ou marginalizantes que ajudam a (re)produzir sempre as mesmas modalidades de organização espacial. E por que ele age dessa forma?... Porque nos processos espaciais está embutida uma dimensão cultural e outra política que não prescindem de exercer o controle sobre as formas de organização do espaço geográfico. Os processos espaciais debatem, portanto, a infundável necessidade dessa organização, vez que, a partir dela se estabelece um conjunto de outros processos que orientam quanto à construção, reconstrução e até destruição do mesmo. Tais processos resultam da consciência que instrui sobre a necessidade de planejar, ordenar e gerir o espaço geográfico.

Sem sombra de dúvidas, em Jequié, esses processos espaciais ainda carecem de afirmação, até porque os atores responsáveis pelo planejamento, ordenamento e gestão do espaço urbano se encontram no momento de transição extremamente peculiar: ou mantém as velhas práticas que levaram o município a perder espaço no cenário baiano, ou modernizam-se, a fim de garantir a sua sustentabilidade, seja ela econômica, política ou social.

Algumas iniciativas dos poderes públicos e da classe empresarial apontam para o segundo caminho, no entanto, ainda não se pode afirmar – pelo menos em curto prazo – que elas surtiram o efeito desejado. No que diz respeito à concorrência pela liderança regional, por exemplo, o município de Vitória da Conquista, assumiu há muito tempo, a *pole position* e parece cada vez mais se consolidar no lugar, graças a um comércio pujante e ao fato de tirar proveito de sua localização geográfica – se constitui em um importante entroncamento rodoviário, que margeia a rodovia BR-116, principal ligação rodoviária da região nordeste com o sul e sudeste do Brasil.

Jequié, por seu lado, apesar de possuir um clima mais aprazível do que Vitória da Conquista – um dos municípios mais frios da Bahia –, apesar de possuir uma gente muito mais hospitaleira e afeita ao comércio – no sentido de que sabem negociar de forma mais flexível – e também a despeito de se localizar as margens da BR-116, ainda resiste a sua verdadeira vocação econômica, de sorte que, não estruturou uma rede de serviços que atenda de modo satisfatório aos que aqui chegam. No espaço urbano, essa desestruturação das redes é reflexo da precária associação entre o capital e os diversos grupos sociais e esse fenômeno, por sua vez, tem rebatimento nos incipientes processos de centralização, descentralização e coesão espaciais, que afetam a localização das atividades comerciais, industriais e de serviços.

Sob condições indiretas de industrialização, a área central do município de Jequié emerge como espaço concentrador de fluxos, no entanto, é imprescindível para o desenvolvimento urbano a criação de alternativas que contribuam para a agregação de novos fluxos. Essa agregação pode muito bem ser feita, através da instalação de equipamentos de lazer e diversão, bares e restaurantes, supermercados, farmácias, bancos, etc, que contribuiriam para distribuir de forma mais equânime a presença das pessoas no centro, vez que, hoje em dia, a principal motivação da permanência está ligada ao fato da necessidade de fazer compras na feira livre.

No que diz respeito aos subcentros, como os dos bairros de Jequezinho e Cidade Nova, a sua origem está associada ao surgimento da classe média em Jequié. Essa classe média – professores universitários da UESB que, espacialmente, optaram por morar próximo ao local de trabalho – tem sido a responsável pela estruturação de uma incipiente rede de serviços que tornaram esses espaços, de certa forma, independentes da área central. As pressões especulativas por locais de moradia e comércio são tão poderosas dentro do Jequezinho e Cidade Nova que esses bairros chegam mesmo a competir com as áreas centrais em termos de valores de aluguéis e venda de terrenos.

A guisa de conclusão, entende-se que diagnosticar e prognosticar o passado, presente e futuro dos processos espaciais que se manifestam no urbano de Jequié é uma atitude temerária, porém deixar de tocar no assunto é deserção. Devemos deixar de questionar sobre o papel dos processos espaciais no jogo interno de distribuição do poder em Jequié? Devemos abrir mão de investigar quais as lógicas que mobilizam as relações intra e inter urbanas? Devemos ignorar a existência de desníveis profundos na organização do urbano em Jequié? Acharmos que não, pois, não se trata somente de um demanda de mercado, mas, de sim de uma demanda política, isto é, trata-se de questões de políticas públicas que afetam diretamente o nosso cotidiano como moradores dessa cidade.

E como urge pensar no assunto de forma mais profunda, ousamos finalizar esse artigo sugerindo que os gestores públicos pensem em termos dessas políticas, fornecendo subsídios para a discussão e implantação do Plano Diretor Urbano da cidade que assegurem – quando

nascem do anseio coletivo – condições imprescindíveis para a organizar o espaço geográfico de forma equilibrada.

## Referências Bibliográficas

CORRÊA, R.L. **Trajelórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. Espaço: um conceito-chave da Geografia. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GEIGER, P.P. Matrizes da Geografia Urbana: questões gerais. **Novos estudos de Geografia Urbana brasileira**. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999, p.21-33.

HARVEY, David. **Society, the city and the space-economy of urbanism**. Association of American Geographers. Commission on College Geography. Resource Paper, 18, p.56,1972.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade. O caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1994.

SCHEINOWITZ, A.S. **O macroplanejamento da aglomeração de Salvador**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/EGBA, 1998.

[www.portaldejequie.com.br](http://www.portaldejequie.com.br)

[www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br](http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br)

Recebido em novembro de 2003.

Aceito em março de 2004.